



IMPrensa SINDICAL E TEORIA CRÍTICA DO JORNALISMO: CONTRIBUIÇÃO EPISTEMOLÓGICA À ATUAÇÃO DE JORNALISTAS NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS DA CLASSE TRABALHADORA¹

Thiago LEÃO²

¹ GT5 – Economia Política do Jornalismo

² PPGCOM/UFS, leao.jor@hotmail.com.

RESUMO

Alicerçado sobre a concepção de que o trabalho dos jornalistas nos departamentos de comunicação dos sindicatos é uma especialização do jornalismo (GIANOTTI, 1998), este estudo discute as mudanças nas rotinas de produção de notícias desse campo de atuação a partir do trabalho como elemento central de análise e a conseqüente crise nas relações com as direções das entidades em que atuam no contexto da reestruturação capitalista.

O movimento sindical brasileiro passou por muitas e profundas transformações, conforme descrevem Barros (2013), Santiago e Gianotti (2014) e Momesso (2008). Assim também aconteceu com a imprensa sindical, definida como um conjunto de veículos concebidos, editados, geridos e distribuídos pelo conjunto das entidades da classe trabalhadora. Partindo dos mais de 500 jornais de cunho revolucionário e autônomo do início do século XX, até a ainda precarizada e clandestina imprensa operária durante a ditadura civil-militar, foi somente após a redemocratização do país nos anos 80 que as entidades buscaram jornalistas para implementar o processo de profissionalização das redações sindicais. Por outro lado, mudanças profundas podem ser verificadas na produção de notícias pelo jornalismo brasileiro com a informatização, nos anos 80 e 90, e a convergência tecnológica advinda da internet, nos anos 2000 (FIGUEIREDO, 2019), tornando possível ser cunhada a definição de Jornalismo Flexível.

O objetivo do presente estudo, portanto, é investigar em que medida essas transformações de atuação dos jornalistas puderam ser sentidas também no jornalismo sindical. Para amparar essas discussões, utiliza-se metodologia interdisciplinar esmiuçada por Figueiredo (2019) em que a Economia Política da Comunicação encontra complemento e possibilidade dialógica nas Teorias do Jornalismo, como a *newsmaking*, etnográfica e também alternativas, como o Jornalismo de Resistência, conforme descreve Pena (2006).

Isso faz com que a categoria trabalho passe à centralidade desse estudo no que Figueiredo define como Teoria Crítica do Jornalismo, alinhado à proposta de Horkheimer (1980) que visa à emancipação dos sujeitos a partir de um olhar orientado pela EPC sobre a atuação dos jornalistas. Bolaño (2015) já propunha essa perspectiva metodológica ao apontar para o potencial analítico dos estudos em jornalismo e que a EPC se propunha a entender – numa perspectiva também abordada por Marques (2018) – como o trabalho intelectual dos jornalistas é subsumido e desqualificado pela emergência acelerada de novas tecnologias, devendo seus conhecimentos específicos serem postos a serviço de projetos de liberação. Para

Bolaño (2008), a EPC se firma como o paradigma transversal e abrangente, construindo elos de forma não eclética com outros enfoques teóricos.

Essas formas de comunicação alternativas e populares encontram respaldo também nas análises de Lopes (2008), que em vez de enaltecer os pretensos potenciais democratizantes das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, defende ser preciso compreender seu caráter privado com fins de acumulação e apontar para caminhos oriundos dos movimentos sociais de resistência na direção da construção de uma comunicação que seja, efetivamente, democrática e populares – possibilidade esta que precisa superar as supostas contradições na imprensa sindical para que se efetive. É sobre essa questão que o presente trabalho visa discutir.

Palavras chave: Jornalismo sindical, jornalistas sindicais, Teoria Crítica do Jornalismo, comunicação popular, Economia Política da Comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Thiago Pereira de. A imprensa sindical como elemento revelador da territorialização dos sindicatos. **Revista Pegada**, São Paulo,-SP, vol. 14, nº1, p. 165-188, jul. 2013.

BOLAÑO, César. A centralidade da chamada Economia Política da Comunicação (EPC) na construção do campo acadêmico da Comunicação: uma contribuição crítica. In: BOLAÑO, C. (org.) **Comunicação e a crítica da Economia Política**: perspectivas teóricas e epistemológica. São Cristóvão: Editora UFS, 2008, p. 97-112.

BOLAÑO, César. **Campo Aberto**: Para a Crítica da Epistemologia da Comunicação. Aracaju: Edise, 2015.

FIGUEIREDO, Carlos. Jornalismo e Economia Política da Comunicação: elementos para a construção de uma teoria crítica do jornalismo. **Revista Latino-americana de Jornalismo**, v. 6, n. 1, p. 12-28, 2019.

GIANNOTTI, Vito. **O que é jornalismo sindical?**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

HORKHEIMER, Max. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. In: BENJAMIN, Walter; ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max; HABERMAS, Jürgen. **Textos Escolhidos**. (Coleção os Pensadores). São Paulo: Editora Abril, 1980. p. 117-161.

LOPES, Ruy Sardinha. Por uma comunicação popular e alternativa no contexto da EPC. In: BOLAÑO, C. (org.) **Comunicação e a crítica da Economia Política**: perspectivas teóricas e epistemológica. São Cristóvão: Editora UFS, 2008, p. 75-95.

MARQUES, Rodrigo Moreno. Trabalho e valor nas mídias sociais: uma análise sob as lentes do Marxismo. **Trabalho & Educação**, v. 27, n.3, p. 111-130, 2018.

MOMESSO, Luiz Anastácio. Lutas e organização sindical em 68, apesar da ditadura. Clio, **Revista de Pesquisa Histórica**, vol. 1, n. 26, p. 155-170, 2008.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 2 ed. Contexto: São Paulo, 2005

SANTIAGO, Claudia; GIANNOTTI, Vito. **Teoria e prática da comunicação sindical**. Brasília, Programa de Formação da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, fasc. II, 2014.